

# Inteligência e profissão

TOMÁS DE VILANOVA MONTEIRO LOPES

Técnico de Administração

"In defining the term "intelligence", writers have used various phraseologies to say prettier much the same thing". — VAN DYKE BINGHAM, *Aptitudes and aptitude testing*, New York, 1942.

NÃO é de hoje que vêm os psicólogos se dedicando ao estudo da inteligência, em face das diversas profissões. Os resultados desse estudo forneceram matéria suficiente para alimentar uma verdadeira avalanche de livros, relatórios, revistas, comunicações, etc. Seria, assim, não apenas fastidioso, mas também extremamente difícil, reproduzir aqui a contribuição de todos os pesquisadores que se têm ocupado do problema das relações entre inteligência e profissão. Ademais, estas notas estão sendo escritas com o simples propósito de resumir e divulgar. Admitindo, entretanto, a risosa hipótese de querer alguém obter informações outras, além das que estas notas estão em condições de proporcionar, faremos constantes remissões a uma variedade de livros e autores.

## II

RUDOLPH PINTNER, em cuja obra se tem baseado a maioria dos estudos publicados, modernamente, no Brasil e em Portugal, a propósito da inteligência, ensina que as definições desta última podem ser repartidas em quatro grupos :

1. "biológico",
2. "educacional",
3. "uma faculdade" e
4. "empírico" (Cf. *Intelligence Testing-Methods and Results*, New York, 1931).

Pertencem ao primeiro grupo aquelas definições segundo as quais a inteligência é a capacidade de adaptação às situações novas, ou, usando as próprias expressões de STERN, uma capacidade geral que permite ao indivíduo ajustar, conscientemente, seu pensamento a necessidades novas (*a general capacity of an individual consciously to adjust his thinking to new requirements*).

WELLS afirma, no mesmo sentido, que inteligência significa, precisamente, a propriedade de recombinação de nossas formas de comportamento, visando agir de melhor maneira em face de situações novas (*intelligence means, precisely, the property of so recombining our behavior-patterns to act better in novel situations*).

PETERSON é menos categórico, dizendo que a inteligência parece ser um mecanismo biológico, pelo qual os efeitos de uma complexidade de estímulos são apanhados em conjunto, produzindo-se, como consequência, uma certa unidade de comportamento (*intelligence seems to be a biological mechanism by which the effects of a complexity of stimuli are brought together and given a somewhat unified effect in behavior*).

Incorporando-se à mesma corrente de idéias, WECHSLER sustenta que inteligência é a capacidade global do indivíduo para agir deliberadamente, pensar racionalmente e comportar-se eficazmente em relação ao seu meio (*... global capacity of the individual to act purposefully, to think rationally and to deal effectively with his environment*. — Cf. *The Measurement of Adult Intelligence*, Baltimore, 1939).

De acordo com os partidários da concepção biológica da inteligência, esta última é tanto mais elevada quanto maior a facilidade, riqueza de recursos e proficiência com que o indivíduo se liberta de velhos hábitos e adquire outros novos.

Enquanto STERN, WELLS e PETERSON vêem na inteligência a capacidade de adaptação às situações novas, outros autores, como COLVIN e HENMON, nela identificam a capacidade para aprender.

As definições dadas por estes autores se enquadram, por isso mesmo, no chamado grupo educacional. Dentre elas, a mais extremada é a de HENMON, que considera como inteligência não apenas a capacidade para aprender, mas também o próprio conhecimento adquirido, contrariando, as-

sim, um princípio que tende a firmar-se, cada vez mais, no domínio da psicologia. (Veja-se: **BOYTON**, *Intelligence: Its Manifestations and Measurements*, New York, 1933).

Quase não seria necessário dizer que, para os partidários da corrente educacional, o indivíduo se diz tanto mais inteligente quanto maior seu poder de adquirir conhecimentos.

**BURT**, **TERMAN** e **HAGGERTY** são os representantes mais destacados do grupo que considera a inteligência uma faculdade.

Dentro deste ponto de vista, a definição mais típica é a de **HAGGERTY**: (Inteligência) é um conceito prático que designa um grupo de fenômenos mentais complexos, tradicionalmente definidos nas psicologias sistemáticas, como sensação, percepção, associação, memória, imaginação, discriminação, juízo e raciocínio... (*is a practical concept connoting a group of complex mental process traditionally defined in systematic psychologies as sensation, perception, association, memory, imagination, discrimination, judgement and reasoning*).

Num sentido mais pragmático, os empiristas (**THORNDIKE**, **BALLARD**, **PIÉRON**, etc.) se atêm aos resultados práticos do comportamento. E' assim que **THORNDIKE** define a inteligência como sendo o poder de boas respostas, do ponto de vista da verdade ou fato (*The power of good responses from the point of view of truth or fact*).

Na síntese expressiva de **PIÉRON**, a inteligência não é senão um "comportamento valor".

A mesma idéia é esposada por **PINTNER**, que afirma ser a inteligência a mera avaliação da eficiência duma reação ou grupo de reações sob circunstâncias específicas (*Intelligence is merely an evaluation of the efficiency of a reaction or group of reactions under specific circumstances*).

Lugar à parte merece a definição de **GEORGE STODDARD**, baseada nos resultados da aplicação de um dos métodos atuais de investigação experimental da inteligência.

**STODDARD**, depois de salientar que o problema tem sido tremendamente complicado pela enorme quantidade de teorias, estudos e experiências, propõe a seguinte definição: Inteligência é a aptidão para empreender atividades que são caracterizadas pelo seguinte: (1) dificuldade, (2) complexidade, (3) abstração, (4) economia, (5) adapta-

ção a um fim, (6) valor social e (7) originalidade, e para manter tais atividades sob condições que exigem uma concentração de energia e resistência às forças emocionais (*Intelligence is the ability to undertake activities that are characterized by (1) difficulty, (2) complexity, (3) abstractness, (4) economy, (5) adaptiveness to a goal, (6) social value, and, (7) emergence of originals, and to maintain such activities under conditions that demand a concentration of energy and resistance to emotional forces*). — Cf. "*The Meaning of Intelligence*", New York, 1943.

Tôdas as definições que acabamos de citar são passíveis de crítica. Referindo-se às de **STERN**, **WELLS** e demais partidários da concepção biológica da inteligência, poderíamos, por exemplo, objectar que, do ponto de vista prático, é muito difícil determinar a significação exata de expressões tais como "novidade de um problema", "situações novas", etc. Por outro lado, as aludidas definições falam em *capacidade de adaptação*. Sobre este ponto incide a crítica, sem dúvida muito justa, de **BORING**, **LANGFELD** e **WELD**: "A adaptação tanto envolve fatores intelectuais como fatores emocionais. Além disso, os problemas da vida aos quais procuramos nos adaptar derivam, geralmente, do nosso meio social. Ora, o meio social consiste, largamente, em nossas relações para com os nossos semelhantes. Por isso mesmo, êle está em constante mudança, e nossos atos de adaptação ou desajustamento o modificam. O gênio, que recusa adaptar-se às idéias do seu tempo, pode com este ato produzir modificações sociais que resultem na adoção de sua chamada atitude de desajustamento, anos após a sua morte.

Em virtude da multidão de problemas ligados ao conceito de adaptação, a definição de inteligência deve confinar-se à esfera psicológica e omitir este critério sociológico" (Veja-se "*Psychology*", New York, 1935).

Já um dos autores citados neste trabalho salientou, apreciando as definições filiadas à corrente educacional, que a expressão "capacidade para aprender" é dúbia, pode ser interpretada de dois modos, pois com ela tanto podemos dar a entender que o indivíduo é capaz de (1) aprender coisas mais difíceis ou (2) aprender rapidamente.

As definições propostas pelos empiristas possuem, igualmente, seu calcanhar de Aquiles. As bases sobre as quais elas assentam a avaliação do

comportamento (verdade ou fato), ao contrário do que parecem à primeira vista, além de imprecisas, são extremamente incertas.

De um ponto de vista mais geral, pode-se dizer que as definições até aqui citadas manifestam o empenho de dar maior destaque a êste ou àquele aspecto do problema que, como estamos vendo, é em si mesmo bastante complexo.

Quando pretendemos estudar a inteligência partindo das definições, nos abalancamos a proeza demasiadamente árdua e de resultados pouco animadores.

Muito melhor será, então, estudá-la, partindo de seus antecedentes :

“*Les phénomènes intellectuels* — diz BOURDON — *ne pouvant se manifester que postérieurement à d'autres phénomènes primitifs, d'ont ils dépendent, il importe, avant d'aborder l'étude de l'intelligence, se faire une idée un peu précise de ces phénomènes primitifs*” (Cf. “*L'intelligence*” — Paris, 1937, pág. 3).

No mesmo sentido se manifesta L. L. MUNN, Cf. “*Psychological Development*”..

Um estudo desta ordem nos levará, facilmente, a duas conclusões :

- 1.º que, ao invés de uma inteligência isolável, o que devemos considerar é o resultado de um comportamento complexo, no qual tôda a vida mental intervém (PIÉRON);
- 2.º que a inteligência se manifesta sob diversas formas: o homem inteligente não só aprende bem e rapidamente, como também se adapta às situações novas da vida, pensa reflexivamente, expressa suas idéias com clareza e exatidão, está com o espírito sempre alerta, etc. (AGUAYO).

### III

Para THORNDIKE, a inteligência possui quatro atributos :

- 1 — *nível*, ou seja o grau de dificuldade dos problemas que o indivíduo é capaz de resolver;
- 2 — *extensão*, isto é, o número de problemas que, num determinado grau de dificuldade, o indivíduo pode solucionar.

3 — *área*, que não é senão o resultado da soma das extensões dos diversos níveis.

4 — *rapidez*, que se avalia em função do tempo dispendido na solução dos problemas.

(Cf. *The measurement of intelligence* — Columbia University — Bureau of Publications — T. C.).

STODDARD (*Op. cit.*, págs. 4 a 29) enumera os seguintes atributos de inteligência :

a) *dificuldade*, que se estabelece em função de uma população (conceito estatístico), à vista dos resultados da aplicação de testes;

b) *complexidade ou área*, que se refere à quantidade de gêneros de tarefa que podem ser empreendidos com êxito;

c) *abstração*, que torna possível a atividade mental simbólica ou conceptual;

d) *economia*, que assegura o cumprimento do maior número de tarefas no menor espaço de tempo;

e) *adaptação a um fim*;

f) *originalidade*;

g) *valor social*.

A nós nos parece que STODDARD, ao indicar os atributos da inteligência, foi além desta última, o que explica o fato de ter incluído em sua enumeração o *valor social* e a *adaptação a um fim*.

Não será, porventura, o *valor social* alguma coisa exterior ao ato inteligente e, por assim dizer, um dos critérios para avaliação do grau de inteligência contido no referido ato? E a *adaptação a um fim* não estará, igualmente, fora da inteligência, como simples relação de conveniência, no sentido filosófico do termo, entre o ato inteligente e a situação à qual com êle procuramos nos adaptar?

A STODDARD deve-se, entretanto, reconhecer o mérito de não haver omitido dois dos mais importantes atributos da inteligência: a *abstração* e a *originalidade*.

Convém não esquecer que a dissociação dos atributos da inteligência resulta, simplesmente, de uma necessidade de método, que impõe, para melhor compreensão, a divisão do objeto a estudar. Em realidade, porém, tais atributos são indissociáveis.

## IV

Pesquisas realizadas pelos centros de estudos de psicologia em diversos países, notadamente nos Estados Unidos da América do Norte, têm revelado que os indivíduos mais aptos para o trabalho são, em geral, os mais inteligentes de seu grupo.

E' evidente, porém, que a aptidão para o trabalho não dependendo exclusivamente da inteligência, mas também de outros fatores, pode ocorrer uma ostensiva discordância entre a classificação de indivíduos pelo teste mental e pela verificação da eficiência no trabalho. Esta entretanto não é a regra geral.

Sabe-se, ainda, que para determinados tipos de trabalho, os indivíduos de inteligência superior são francamente contra-indicados (PRUETTE). Admitiu-se, a princípio, que tais trabalhos eram os ditos "manuais", pois nêles, ao invés da inteligência, o que deveria importar era a dextreza manual, a precisão dos movimentos, a resistência física, etc. Hoje, entretanto, já não se pensa dêste modo.

No que concerne aos trabalhos manuais qualificados, por exemplo, muitas experiências nos obrigaram a uma revisão de pontos de vista, valendo citar entre elas as realizadas no "Laboratoire du Réseau de L'État" (Paris, 1936).

PIERRE LEVY, expondo os resultados dessas experiências, diz a certa altura :

*Ainsi, et contrairement à uné opinion assez répandue, le rôle de l'intelligence dans l'exécution du travail manuel qualifié paraît être plus important encore que le rôle des fonctions intéressant la justesse, la rapidité, etc., des mouvements* (Assim, contrariamente a uma opinião muito difundida, o papel da inteligência na execução do trabalho manual qualificado parece ser mais importante ainda que o das funções relacionadas com a precisão, a rapidez, etc., dos movimentos). — (*La sélection du personnel* — "Actualités scientifiques et industrielles" — N.º 376 — Paris, 1936).

Reverendo as experiências de ISABEL BENNET, WUNDERLICH e outros, somos levados a crer que os indivíduos de inteligência superior são contra-indicados para determinados trabalhos, pelo fato

de serem êstes tão banais, monótonos ou desinteressantes, que inibem os intelectualmente bem dotados de liberar as energias criadas por uma faculdade que possuem em alto grau. Em tais casos (e nem sempre se trata de trabalho manual), verifica-se o desinterêsse pelo trabalho, a queda do rendimento e a desadaptação do trabalhador, o qual, geralmente, muda de atividade.

CHARLES DRAKE, analisando estatísticas relativamente recentes, verificou que a taxa de "turnover" é muito elevada entre os trabalhadores de inteligência superior empregados em trabalho rotineiro. São do mesmo autor as seguintes conclusões :

*From the viewpoint of industry, it seems necessary to effect an organization around average individuals.*

*If the high intelligence level is known, or can be inferred from previous attendance at high schools and colleges, it is often better to reject an applicant for this reason alone.* (Do ponto de vista da indústria, parece mais necessário a uma organização cercar-se de indivíduos de inteligência média.

Se o alto nível de inteligência é conhecido ou pode ser inferido da passagem por escolas ou colégios, é muitas vezes preferível rejeitar um candidato por esta simples razão). (Cf. *Personnel Selection by Standard Job Tests* — New York, 1942).

Mas se para certos trabalhos os indivíduos de inteligência inferior são provadamente mais recomendáveis que os de inteligência superior, êstes últimos, entretanto, são incontestavelmente mais capazes para trabalhos de outra ordem. Dentro dêstes extremos se pode constituir uma verdadeira escala indicativa dos níveis de inteligência das diferentes profissões. Tais níveis são fixados tendo-se em vista a inteligência média dos indivíduos compreendidos em cada uma das categorias profissionais. Isto naturalmente requer que as provas de inteligência sejam aplicadas a amostras suficientemente grandes e representativas do grupo a estudar. Compreende-se, assim, que as oportunidades para experiências desta natureza não sejam muito freqüentes.